

**MATERNIDADE-ESCOLA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ATENÇÃO INTEGRAL A SAÚDE
MATERNO-INFANTIL**

AMAMENTAÇÃO: UM "SENTIR COM"

Aluna: Mariana Gómez

Professora Orientadora: Marisa Schargel Maia

Professor co-orientador: Marcus Renato

Rio de Janeiro, Maio de 2009

MOU
MG
2009

UFRJ
MATERNIDADE ESCOLA
BIBLIOTECA JORGE DE REZENDE
N. ADM. 723100
N. SISTEMA 723100
CÓD. BARRA

UFRJ
Maternidade-Escola



561801

*12-0
012*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, de diferentes formas, me ajudaram a realizar este trabalho. A minha orientadora Marisa Maia, que me inspirou desde o início do curso com sua forma sensivelmente precisa de transmitir conhecimento. A meu co-orientador, Marcos Renato, pessoa que me apresentou um novo mundo apaixonante. A turma, com todas essas mulheres maravilhosas e poderosas pelas trocas sempre afetuosas e ao Plastino, pela possibilidade de novos reencontros.

Agradeço a minha mãe por ter me amamentado com leite e amor e por ter me dado de presente uma lembrança indescritível que com certeza será passada por muitas gerações com muita ternura. Agradeço a meu pai que também me amamentou criativamente com carinhos, contos e olhares, e por ele ter conseguido, mesmo sem querer, deixar a razão de lado e simplesmente sentir com os filhos. A meus irmãos Nicolas e Sebastian, pela companhia, o que permaneceu sempre foi o cuidado com o outro.

Finalmente dedico a minha sobrinha que esta por vir (e sua mamãe), já tão esperada e amada.

RESUMO

Através de um olhar sobre o homem como um ser bio-psico-cultural, este estudo tem a finalidade de ver a experiência da amamentação de forma ampla, buscando aproximar sua complexidade e sensibilidade. Neste sentido, tal experiência será tratada como uma possibilidade para a mãe de fazer a transição, ainda através de seu corpo, de forma gradual, do bebê que estava dentro dela para fora dela. Dessa forma, com base no pensamento do psicanalista Winnicott, se estabelece uma relação entre seu conceito de *fenômeno transicional* e a amamentação, pensando-os aqui através de um enfoque na mãe.

SUMÁRIO

Introdução	Pág. 5
Capítulo I	Pág.11
Capítulo II	Pág.21
Capítulo III	Pág.29
Considerações Finais	Pág.39
Referências Bibliográficas	Pág.41

INTRODUÇÃO

O objeto deste trabalho é resultado de meu interesse crescente nas questões que envolvem a relação mãe-bebê. Tal interesse nasceu durante a elaboração da monografia final de graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulada "O cuidado da mãe" - na qual trato a importância tanto do cuidado que a mãe dá a seu bebê como a importância desta ser cuidada por um terceiro -, e se consolidou, ao longo de 2008, com motivo de uma série de estudos e atividades desenvolvidas no Curso de Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno Infantil, na Maternidade-Escola da Universidade Federal de Rio de Janeiro, e da participação em diversos seminários sobre maternidade e amamentação.

As atividades teóricas e práticas acima indicadas orientaram-me no sentido de centralizar o presente estudo na figura da mãe, a partir da experiência da amamentação. A escolha do tema da amamentação respondeu à necessidade sentida de realizar um trabalho de reflexão sobre a relação mente/corpo, que, desde o início, tinha chamado minha atenção no Curso de Especialização da Maternidade Escola. Nesse espaço, a problemática mãe-bebê é abordada a partir de um enfoque interdisciplinar que me confrontou com a possibilidade de olhares distintos sobre um mesmo tema. Foi, portanto, essa forma de abordagem ampla, que não ignora ou deixa de lado o psíquico, o físico nem o cultural, uma das motivações primordiais da escolha, já que, na experiência da amamentação, corpo e psiquismo se encontram profundamente entrelaçados, em uma inter-estimulação constante, em que cada um afeta e é afetado pelo outro.

Mergulhada numa diversidade de enfoques, a amamentação foi então emergindo como tema principal devido, fundamentalmente, à forte presença nela do registro corporal. Tanto na gravidez como no parto e na própria amamentação, o corpo aparece em toda sua evidência. Daí que, em relação à

amamentação, colocou-se para mim o problema de pensar essa experiência em termos de uma transição no processo de separação da relação mãe/bebê iniciado no parto com o corte do cordão umbilical. Depois de nove meses de gestação, a mãe deseja o parto e o nascimento do filho; ela está preparada para esse acontecimento e espera com ânsia o momento de poder ver, conhecer, ter nos braços o filho. No entanto, mesmo nos casos em que as coisas caminham bem, o momento do parto representa uma separação que não se realiza de modo espontâneo e instantâneo. Todo um processo resulta necessário para que esses dois seres, que já estão separados corporalmente, comecem a diferenciar-se gradualmente. Nesse sentido, a figura da mãe é fundamental, uma espécie de guia que poderá realizar suficientemente bem sua maternagem na medida em que ela mesma consiga a separação gradual de seu bebê. Assim, esse estudo considera que a experiência da amamentação constitui um *fenômeno transicional*, cuja função seria amenizar o processo de separação da mãe de seu bebê, a separação corporal que ocorre no parto, num processo de elaboração psíquica que não passa necessariamente pelo registro das palavras.

Inspirada no pensamento de Winnicott e de outros autores que realizam um trabalho teórico e clínico importante, além de inovador, vislumbrei um caminho possível para levar adiante esta indagação sobre a maternidade e a amamentação. Tomando a teoria de Winnicott como quadro de referência maior na relação mãe-bebê, e focando de maneira privilegiada a figura materna, levanto a hipótese de que a experiência da amamentação é um momento que proporciona à mãe uma área de ilusão facilitadora do processo de separação corporal que ocorre no parto e da transição que começa com o nascimento do bebê, inicialmente “hospede de seu corpo” e posteriormente “hospede de seus braços”.

Cabe esclarecer, no entanto, que o fato de privilegiar como objeto de estudo a experiência da amamentação nos termos indicados -isto é, como

fenômeno transicional para a mãe – não significa defender a idéia de que toda mãe tenha que amamentar seu filho. Em determinadas situações, é mesmo preferível que a mãe não amamente, pois vale mais uma mamadeira tranqüila do que um seio que traz ansiedade para a mãe. Minha abordagem surge da necessidade de refletir sobre a influência da amamentação no psiquismo da própria mãe, justamente por tratar-se de seu próprio corpo. Um corpo materno que, através do seio, ajuda no processo de união/separação, algo tão delicado e importante para a mãe e o bebê. Dada a complexidade e a delicadeza deste primeiro momento, bem como a diversidade de situações e a singularidade da história de cada mulher, não ignoro que há outras formas possíveis e válidas de amamentação, à condição de que todas elas se façam com o cuidado que requerem. Por outro lado, tal como mencionei no início da introdução, essa monografia se inscreve no campo maior de uma pesquisa teórica sobre a complexa relação entre o corpo e o psiquismo, sem abordar casos individuais. Enfim, o tema é abordado a partir de uma visão do ser humano (aliás, reforçada pelo próprio caráter interdisciplinar do Curso de Especialização) como ser bio-psico-social, a qual implica a incorporação no esquema de interpretação de aspectos fisiológicos, psíquicos e culturais que necessariamente acompanham e influenciam a mãe e sua relação com o bebê na experiência da amamentação e na própria vivência da condição de mãe.

É por essas razões que o desenvolvimento do tema se estrutura em torno de três eixos ou vertentes principais, estreitamente vinculados entre si: a) uma abordagem teórica e interdisciplinar (história, medicina, antropologia) sobre as questões da mulher, da maternidade e da amamentação, que passa, em grande medida, pelo debate natureza/cultura; b) um estudo das contribuições teóricas e clínicas de autores que atualmente pensam, a partir da psicanálise, a problemática da maternidade; e, por último, c) um estudo de conceitos introduzidos por Winnicott (preocupação materna primária), Bydlovsky (transparência psíquica) e Stern (constelação da maternidade), cuja articulação constitui a base teórica que me permite construir a hipótese

principal do trabalho, a saber, a experiência da amamentação como *fenômeno transicional*.

A surpreendente frase de Winnicott “o bebê não existe” foi o que motivou a aproximação à teoria de Winnicott com base em novos aspectos e dimensões da relação mãe-bebê. A partir daí, o presente estudo enfoca de maneira privilegiada a mãe, passando a considerar as influências do bebê sobre ela; a dependência da mãe do bebê; e, finalmente, a importância que para ela pode ter um momento de “ilusão”, através da experiência da amamentação, para mais tarde poder por sua vez se desiludir e se separar do bebê de forma suficientemente boa, isto é, voltando e abandonando de forma gradual o estado particular em que ela se encontrava durante o parto e imediatamente depois.

Em suma, a hipótese central deste estudo é que a amamentação, quando acontece de forma suficientemente boa, funcionaria para a mãe como um *fenômeno transicional*. Trata-se de um exercício de reflexão sobre o conceito de Winnicott (1975) de *fenômeno transicional*, pensando-o como um processo não cronológico, que não está associado apenas a uma etapa do desenvolvimento infantil, e que, portanto, pode também ser relacionado com a experiência da maternidade que vivencia a própria mulher. O encontro da mãe com seu bebê recém nascido na amamentação configuraria, assim, um *fenômeno transicional para a mãe rumo à independência* - em que o bebê não estaria nem dentro nem fora -, servindo como um facilitador e ajudando-a na separação corporal que ocorre com o parto, ou seja, na passagem de seu bebê que estava dentro de seu corpo para fora do mesmo.

A monografia está dividida em três capítulos e se fecha com umas breves considerações finais. O primeiro capítulo aborda, nas grandes linhas, a história da amamentação, ressaltando o cruzamento existente entre natureza e cultura. Nele se destacam três aspectos principais: a amamentação enquanto

fenômeno complexo que não pode ser reduzido a apenas um instinto da mulher; a história da amamentação no Brasil; e a amamentação hoje, como questão atravessada de significados e sentidos prevalecentes em nossas sociedades contemporâneas (fruto, entre outros fatores, do imaginário do corpo perfeito e da radicalização de uma sociedade pró-amamentação que muitas vezes acaba por reduzir a mulher a um seio que dá leite).

No segundo capítulo, a partir da antropologia, coloco no centro das interrogações a questão fisiológica da amamentação e da mútua dependência inicial que existe entre o bebê e sua mãe, de modo a demonstrar como, em um primeiro momento, os corpos, apesar de separados, ainda apresentam muitos aspectos interdependentes e em sincronia. Através do pensamento do antropólogo Ashley Montagu, procuro enfatizar a singularidade do momento que acompanha a experiência do parto, em que a separação corporal da mãe e seu bebê ainda não transforma esses dois seres humanos em seres totalmente independentes, um do outro. A “simbiose” que existia no útero ainda se manterá por algum tempo, o qual pode ser verificado, entre outros aspectos, através do funcionamento dos corpos e de como eles ainda se “complementam” e se interestimulam. A partir daí, sublinho o sentimento de continuidade que a amamentação pode proporcionar, tanto para o bebê quanto para sua mãe, e como esta experiência pode ser facilitadora neste primeiro processo de separação, de transição pela qual esses dois seres, que ainda são um, estão passando.

No terceiro capítulo, para uma melhor compreensão da função da amamentação como uma forma gradual da mãe fazer a separação desse novo ser que até pouco tempo fazia parte dela, descrevo as transformações psíquicas pelas quais as mulheres passam durante o período que acompanha o nascimento, junto ao aprofundamento de conceitos e idéias de Daniel Stern (1997), Monique Bydlovsky (2002); Myriam Szejer (2002) e Donald Winnicott (1975,1983,1990,2000). É aqui que preciso e desenvolvo a hipótese da

Capítulo I: “Uma reflexão sobre a história da amamentação”

Neste primeiro capítulo faço uma reflexão histórica sobre a amamentação, com o objetivo de pensarmos como nossa visão sobre esta questão foi sendo construída ao longo dos anos. Dois pontos importantes precisam ser destacados. Em primeiro lugar, não podemos falar em amamentação sem falar na maternidade e na criança. De fato, esses três termos - amamentação, infância e maternidade - estão intrinsecamente ligados entre si. Em segundo lugar, a partir das considerações históricas poderemos alargar a reflexão sobre a relação natureza-cultura e sobre como ela foi sofrendo transformações no tempo.

Ao longo dos anos, uma série de noções que hoje parecem óbvias em nossa sociedade, como as de infância, maternidade e amamentação, sofreu profundas transformações impulsionadas por concepções, interesses e dinâmicas de mudança social, econômica, política e cultural. Aos fins de não naturalizarmos essas construções sócio-históricas, torna-se importante compreender melhor a experiência da amamentação e conhecer sua trajetória, associando-a a história da maternidade e infância. Autores como Badinter (1985), Áries (1978), Knibiehler (2001) e Del Priori (1997), entre outros, demonstram tais mudanças a partir de um estudo histórico da sociedade ocidental. Este trabalho parte de uma leitura crítica de uma concepção dominante da maternidade que, surgida no século XVIII e consolidada no século XIX, baseava-se em argumentos naturalistas e biológicos que idealizavam a maternidade e a consideravam como fazendo parte da natureza de toda mulher. Ou seja, uma visão generalizante e descontextualizada da mulher que, certamente, não levava em conta os aspectos sócio-culturais, fisiológicos e psicológicos.

Até o século XVIII, no Ocidente, o conceito de maternidade, amamentação e o "sentimento de criança" possuíam uma conotação bem diferente em relação àquelas que prevalecem na atualidade. Em geral, as crianças eram vistas com indiferença pelos pais e pela sociedade. Na realidade, elas não se diferenciavam dos adultos: eram pequenos adultos, considerados por muitos um estorvo. Além disso, sob influência do pensamento agostiniano, eram vistas com freqüência como corruptas, símbolos da força do mal e concebidas através do pecado. Paralelo a isso, as mães não eram consideradas pela sociedade as responsáveis pela educação e sobrevivência de seu filho. Daí, o registro de um alto índice de abandono moral das crianças, tornando-se inclusive uma prática culturalmente aceita a entrega dos filhos às amas-de-leite até os cinco, seis anos de idade, para passar mais tarde a um convento ou uma pensão (BADINTER, 1985).

Segundo o historiador Thomas Laqueur, a visão da mulher também diferia da atual. Até o século XVIII, apenas existia um sexo: o masculino. De acordo com o discurso médico, a mulher era um homem ao avesso. Galeno (século II) propunha uma semelhança inversa do órgão feminino e masculino. Desta forma, a mulher era considerada um homem inacabado, os órgãos que elas tinham voltados para seu interior, os homens os tinham voltado para o exterior, o que se daria devido à menor quantidade de calor do corpo feminino. A mulher poderia, então, evoluir e transformar-se em homem, o que seria considerado um progresso tendo em vista a idéia de uma suposta superioridade masculina. Até o século XVIII, não havia, portanto, uma diferença de essência entre os sexos, mas sim, uma diferença de grau (KEHL, 1998).

Nessa época, a mulher era considerada inferior ao homem e, assim como seu filho, submissa à autoridade marital e paterna. Essa inferioridade era reafirmada em diversos discursos. O discurso teológico cristão afirmava o poder patriarcal ao demonstrar a paternidade de forma divina - Deus aparece na figura de Deus todo poderoso -, e a maternidade através de figuras

humanas, como as de Eva e Maria. Além disso, ao colocar a mulher como filha e herdeira de Eva reafirmava-se tanto sua inferioridade com relação ao homem - tendo em vista que Eva é criada a partir da costela de Adão - quanto seu lado diabólico, aquele relacionado ao sexo e ao mal como consequência de ter sucumbido à tentação da serpente (NUNES,2000).

O discurso político do Antigo Regime absolutista também defendia a autoridade marital e paterna, ao tempo que a sociedade se caracterizava por ser uma sociedade “sem amor”, em que o casamento se dava por conveniência e o amor e a ternura eram sentimentos que, ao contrario, distanciavam o homem da razão (BADINTER, 1985).

Segundo Nunes (2000), será somente a partir do século XVIII, com a Revolução Francesa, que, a partir da influência das idéias iluministas de liberdade, igualdade, individualismo e da perspectiva cartesiana da autonomia da Razão sobre o corpo, começa a haver um questionamento da ligação existente entre masculino, feminino e Razão, propondo-se que a razão seria a mesma, independente do sexo. Kehl (1998) também ressalta o aspecto do deslocamento que ocorre, decorrente da Revolução Francesa, entre a esfera pública e privada. Aqui, as mulheres passam a acreditar que seriam valorizadas através de um outro papel na sociedade e começam a participar da esfera pública, tendo grande participação no processo revolucionário e muitas abandonam o lar.

Assim, assustados com essa “invasão” das mulheres na esfera pública e com o alto índice de mortalidade infantil, os homens buscam formas para fazer retornarem as mulheres a seus lares, o que se torna possível a partir de diversos fatores. Um deles foi o surgimento do “sentimento de infância”, que valorizava a criança e passava a considera-la o futuro da civilização. Além disso, as idéias iluministas começam a difundir a valorização do amor. Surge

assim a família nuclear: o sentimento de amor e ternura entre o casal e com os filhos é valorizado; há uma tendência à maior igualdade entre pai/mãe/filho; a família passa do domínio público para o privado; o casamento começa a ser visto como fruto do amor - não apenas uma questão de interesse - e a família passa a se organizar em torno do filho e do amor materno (BADINTER, 1985; ZORNIG, 2000).

No entanto, o principal meio de fazer as mulheres voltarem à esfera privada, sem haver um confronto com as idéias iluministas, se deu a partir da configuração de uma nova forma de patriarcado, agora não mais justificada culturalmente, mas sim a partir da diferença entre os sexos. A imagem da mulher não é nem pior, nem melhor, ela é complementar à do homem. Há uma construção da imagem da mulher de caráter dócil e submisso, que se enquadra na função materna, responsável pelo cuidado e educação de seus filhos e guardiã da moral e do lar (KEHL, 1998).

Com isso, surgem diversos discursos que defendem a imagem da mulher como física e moralmente diferente e complementar ao homem. Assim, as diferenças justificadas agora a partir de um discurso essencialista - a mulher não é um homem invertido; ela é diferente biológica e anatomicamente -, definem os papéis destinados ao homem e à mulher: à mulher corresponde a vida privada, a maternidade e a educação de seus filhos; ao homem, a vida pública, o trabalho e a razão. (Idem)

No século XIX, segundo Nunes, a imagem da mulher passa a ter as características da docilidade e submissão, embora se considere que ela ainda tem alguma coisa que pode se degenerar. Seu corpo é dotado de uma sexualidade que pode se desvirtuar e, por causa disso, precisa ser cuidada e controlada. Sua sexualidade passa, então, a ser neutralizada através da maternidade, fixando-se a sexualidade feminina ao casamento e ao filho.

Culminam assim as idéias de origem iluminista que exaltam o amor materno e a maternidade como partes constitutivas da natureza feminina.

No que diz respeito à amamentação, vemos também a influência decisiva da cultura nas suas formas de compreensão. Embora a lactação seja comum a todas as mulheres, a experiência de dar de mamar a seu bebê sofreu profundas transformações ao longo do tempo: as mães míticas, que quase todas amamentavam; as mães gregas da Antiguidade, que amamentavam seus bebês dando-lhes apenas o seio e deixando a tarefa dos outros cuidados maternos a uma servente ou escrava; as romanas, que, obedecendo ao “pater famílias”, não davam o seio, pois se acreditava que uma mulher não poderia cumprir ao mesmo tempo seu papel de esposa e nutriz (daí que essa função fosse desempenhada com freqüência por escravas); e as mães cristãs, que o tabu religioso das relações sexuais entre os conjugues durante a amamentação não a estimulava, colocando ao homem diante da alternativa de optar pela castidade ou mandar seu filho a uma nutriz (DAMASCENO, 2008).

Ao pensar na amamentação e suas transformações históricas, destacam-se dois aspectos marcantes que serão desenvolvidos a seguir: Um deles é a substituição, em maior ou menor grau, do aleitamento materno pela amamentação “mercenária”, comportamento encontrado desde antes de 2250 a.C. e que surge como conseqüência da hierarquia social dominantes; o outro é o papel do homem e sua influência sobre a visão social da amamentação (PAMPLONA, 2005).

Com o crescimento das cidades verificou-se também o aumento crescente da chamada “indústria de nutrizas”. Diante do aumento de numerosas epidemias, muitas famílias mandam seus filhos ao campo para respirarem ar puro e mamar o leite das “mães de teta”. No entanto, no século XVIII, diante do alto índice de mortalidade infantil constatados,

configurou-se, sob a forte influência das idéias iluministas, uma nova ideologia contra as amas -de- leite, que as responsabilizava pelo fenômeno e as acusava de sujas, mercenárias e ignorantes. Filósofos e médicos procuram, a partir de então, trazer essa prática às mães, responsabilizando-as pela educação e saúde de seu bebê como decorrência do papel inato e natural da maternidade (KNIBIEHLER, 2001).

No século XIX, com o intuito de reforçar essa idéia da diferença entre homens e mulheres – agora não mais considerada inferior, mas complementar e diferente -, tanto no âmbito físico como moral, médicos, filósofos e moralistas investem em pesquisas baseadas na biologia como ferramenta fundamental e fonte de conhecimento científico irrefutável. Exemplo disso é a criação, em 1800, da primeira forma de especialização em medicina infantil e a construção, em Paris, do primeiro hospital de crianças doentes (NUNES, 2000; DAMASCENO, 2008).

No que diz respeito à amamentação e ao aleitamento, também se desenvolvem uma série de pesquisas que buscam reforçar esse papel da mãe e não mais as amas-de-leite. A partir dos múltiplos resultados, os médicos informam e confirmam que o leite da mãe é asséptico e protege o recém-nascido. Há então, no século XX, uma mudança importante na percepção e representação da amamentação: ela passa a ter um papel socialmente valorizado que lhe é atribuído à mãe, e não mais como um simples ato de uma “vaca leiteira”.

No entanto, apesar de afirmar-se uma valorização da amamentação e do vínculo que estaria sendo criado nessa experiência, os médicos e seu saber específico invadem a díade com regras e normas sobre quando, como e por quanto tempo amamentar, ou seja, uma normatividade que acabava por criar uma forte dependência com a figura do médico. A mulher é, mais uma vez,

desautorizada e desqualificada em sua experiência e autonomia. A amamentação torna-se, assim, um ato regulável socialmente regulável e um atributo que caracteriza a maternidade como um bem social compartilhado. No século XIX, sob o olhar higienista, a medicina amplia seu olhar e passa a criar regras de conduta a fim de diminuir a mortalidade infantil e garantir a saúde do futuro da civilização, isto é, das crianças, sendo a mãe uma mediadora entre ela e o Estado. A amamentação, como algo que decorre da ordem do instinto e do natural da mulher, torna-se, então, mais um instrumento que determina e fixa seu lugar na esfera privada, no doméstico (ALMEIDA e NOVAK, 2004).

Para avançar na compreensão na questão da amamentação no caso específico do Brasil, é preciso, em primeiro lugar contextualizá-la historicamente. Segundo Almeida e Novak, o primeiro relato sobre a amamentação, se deu através de uma carta de Pedro Vaz de Caminha ao Rei de Portugal. Nesta carta, os colonizadores relatam o seu estranhamento ao verem as mulheres indígenas amamentando seus filhos no seio, sendo tal ato visto como impróprio para a sociedade civilizada e como um ato indigno para uma dama, razão pela qual essa função cabia às saloias, em Lisboa. Foi então, a partir da chegada dos portugueses ao Brasil que o hábito do desmame surgiu, sendo até esse momento um costume geral entre os índios tupinambás o aleitamento materno. Assim, com a dominação colonial portuguesa, a exploração econômica e as misturas hierárquicas com povos e culturas subalternas, a prática da amamentação conheceu várias passagens: das saioias (camponesas da periferia) para as índias cunhas, mais tarde para as escravas africanas e, depois, para as amas-de-leite. Apenas no século XIX, com a medicina higienista e seu discurso biologizante, dominante, o costume de ter amas-de-leite foi recriminado e a mulher passou a ser a responsável pela educação e sobrevivência de seus filhos, voltando o estímulo para amamentação de seus próprios bebês (idem).

No entanto, no século XX, com os traços próprios de uma sociedade capitalista, de consumo, em que as mulheres cada vez mais ingressavam no mercado de trabalho, uma mudança pode ser constatada no que diz respeito à amamentação: a modernidade e a vida urbana serão marcadas por uma nova indústria de produção e de marketing voltada à obtenção de lucro através do leite industrializado. Não é por acaso que, até os anos 70, propagandas enganosas, apoiadas por profissionais de saúde, afirmavam que o leite materno deveria ser complementado pelo leite em pó (idem).

Na década de 80, mais uma mudança ocorre no Brasil, mas dessa vez de signo contrário ao anterior. Formula-se uma política estatal que estimula a amamentação e que cria o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno – PNIAM -, com o objetivo de resgatar novamente a experiência da amamentação como algo inato, instintivo e biológico. A partir de descobertas científicas mais apuradas, transmite-se à população da superioridade da amamentação em relação ao bebê, a mãe e a sociedade como um todo. Cabe também lembrar, entre outras iniciativas de estímulo ao aleitamento materno, por meio de políticas públicas, a implementação, em 1992, do Programa Iniciativa Hospital Amigo da Criança no Brasil, que trouxe, além da promoção, o apoio para a amamentação (idem).

Podemos ver então, que:

... a amamentação revelou e revela diferentes significados, que oscilam em torno de dois pólos: natureza e cultura. A depender do momento e da finalidade de seu uso, esses significados ora se separam, ora se fundem. Às vezes, esses dois aspectos se associam de maneira tão intensa que um assume a denominação do outro, ou seja, para que a amamentação possa ser perpetuada como um hábito cultural, ela deve ser assimilada como algo que faz parte da natureza, não cabendo nenhum questionamento. Outras vezes, depara-se com interpretações culturais que não aceitam reduzir o ser humano à condição de um mamífero qualquer, redirecionando e

redimensionando o próprio movimento natural da espécie humana.

Na direção de um posicionamento que recusa a redução, tanto na dimensão biológica quanto na social, a categorização da amamentação como um híbrido natureza-cultura procura perseguir uma abordagem da amamentação como reflexo de determinantes biológicos e condicionantes sociais, econômicos políticos e culturais. Este movimento, contrário à dicotomia costumeira estabelecida entre o biológico e o social, gera novas oportunidades teórico-metodológicas na forma de operar com as questões que permeiam a amamentação, possibilitando uma revalorização da biologia e um aprofundamento nos processos interdisciplinares (ALMEIDA e NOVAK, 2004)²

Dessa forma, não podemos responsabilizar ou culpabilizar a mãe por sua escolha de não querer ou não poder amamentar, já que por não ser algo inato, mas sim que depende da cultura na qual ela está inserida e do fator emocional, o que se torna de extrema importância é que ela seja apoiada. Assim, o objetivo deste trabalho não é ser pró ou contra a amamentação, como foi dito na introdução, mas sim aprofundar o que a experiência de amamentar desperta na mãe quando ocorre de forma suficientemente boa (o que não quer dizer perfeita).

Além disso, chamo atenção para o cuidado especial que o profissional de saúde deve ter ao atender a díade. Por um lado, pela amamentação não ser um mero instinto da mulher, sendo sempre um processo que envolve mediação, aprendizagem e que é influenciada, cabe ao profissional de saúde facilitar, informar e ajudar a mãe nesse momento. Por outro lado, este mesmo profissional deve estar atento para assumir um papel de coadjuvante e não de

² Artigo disponível em: <<http://www.aleitamento.com>, acesso no dia 09/06/2008

protagonista, de facilitador e não de dono do saber, respeitando o tempo da díade mãe-bebê, o movimento espontâneo do bebê em descobrir o seio, e o vínculo que está sendo criado naquele momento, sem atropelar e invadi-los com regras e normas, permitindo assim o surgimento da subjetividade, tanto do bebê como da mãe. A rigor, não existem regras a serem seguidas, mas o manejo de cada situação específica.

Concluindo: ao enfatizar que as noção de amamentação, maternidade e infância são construções sócio-históricas atravessadas pela cultura, procurei mostrar a importância de assumir uma postura de atenção e de crítica sobre nosso papel na sociedade, sem perder de vista como o patriarcado, apesar de suas transformações ao longo do tempo, persiste de uma forma ou outra, em maior ou menor medida. Isso se percebe, por exemplo, no poder da palavra do médico que informa a mãe o que pode, ou não, ser feito, esquecendo muitas vezes a mulher que esta por trás da mãe; ou ainda na “nova moda” de ser mãe, amamentar, ser a responsável majoritária dos cuidados com o bebê, trabalhar e, em menos de um mês, esforçar-se freneticamente para recuperar o corpo igual ao que tinha antes da gestação, ou seja, assumindo o papel de mãe, esposa, trabalhadora e dona de casa. O que parece, então, ser uma liberdade pode ser uma prisão para as mulheres, uma nova categoria de mulheres “super-poderosas”, capazes de fazer tudo ao mesmo tempo, esquecendo, mais uma vez, a singularidade de cada indivíduo. Afinal, deve haver um equilíbrio entre natureza e cultura para não tornarmos-nos, ao invés de cidadãos livres, cidadãos dóceis e produtivos, passivos e obedientes frente aos imperativos sociais.

Capítulo II: Amamentação: um prazer compartilhado

No capítulo anterior abordei a questão histórica da amamentação buscando ressaltar a influência da cultura nessa experiência. Neste capítulo, irei aprofundar-me na questão fisiológica que esta envolve com o objetivo de, assim como foi dito na introdução, tratar a mulher e este momento específico, trazendo a inter-relação existente entre cultura, natureza e psique.

Para uma melhor compreensão do que será tratado adiante, esclareço a diferença entre três termos que com frequência são confundidos: lactação, aleitamento materno e amamentação.

O conceito de Amamentação como o ato da nutriz dar o peito e o lactente mama-lo diretamente; Aleitamento Materno como todas as formas do lactente receber leite humano ou materno e o movimento social para a promoção, proteção e apoio à esta cultura; e Lactação como o fenômeno fisiológico neuro-endócrino (hormonal) de produção de leite materno pela puérpera no pós-parto, independente dela estar ou não amamentando (CARVALHO, 2006).

Isso significa que a amamentação é uma forma de aleitamento, mas nem todo aleitamento é amamentação; ou ainda, que a lactação é algo da ordem fisiológica hormonal comum às mulheres após o parto e a amamentação um fenômeno psico-sócio-cultural complexo e influenciado por uma série de fatores. Dessa forma, podemos verificar que o primeiro capítulo priorizou a amamentação com um enfoque mais voltado para o aleitamento materno, enquanto neste capítulo o foco esta centrado na lactação.

Para tal fim, abordaremos dois tópicos. No primeiro, utilizando os saberes da antropologia, desenvolvo o conceito de gestação extra-uterina, de modo a ressaltar a interdependência que existe, em um primeiro momento, entre o corpo da mãe e do bebê e sua relação à experiência da amamentação; No segundo, aprofundo os aspectos fisiológicos para trazer a idéia da amamentação como uma experiência que é banhada pela sexualidade e que proporciona prazer não só ao bebê, mas também a mãe.

I.1 Amamentação e “gestação extra-uterina”:

Baseada na antropologia, coloco no centro das interrogações a questão fisiológica da amamentação e da mútua dependência inicial entre o bebê e sua mãe, para assim demonstrar como, inicialmente, os corpos, apesar de separados, ainda apresentam muitos aspectos interdependentes e em sincronia. Portanto, a experiência do parto, mesmo com a separação corporal da mãe e seu bebê, não transforma estes dois seres humanos em seres totalmente independentes um do outro. A simbiose que existia no útero ainda se manterá por algum tempo, o qual pode ser verificado, entre outros aspectos, através do funcionamento de ambos os corpos, de como eles ainda se “complementam” e se inter-estimulam em benefício um do outro.

Dessa forma, relativizamos a separação que ocorre no parto, demonstrando como, em um primeiro momento, a unidade dual mãe-bebê se mantém, havendo ainda uma dependência que pode ser percebida no âmbito psíquico e somático, expressando, assim, o sentimento de continuidade que pode proporcionar a amamentação tanto para o bebê como para sua mãe.

O desenvolvimento dessa idéia se baseia no pensamento do antropólogo Ashley Montagu. O autor faz uma comparação do bebê humano com outros mamíferos e, a partir de inúmeros estudos e experimentos, defende a hipótese de que todo bebê humano nasce imaturo, ou seja, que seu período de gestação intra-uterina não é suficiente para sua maturação, devendo então ser seguida por um período que ele chama de "gestação extra-uterina".

Com a finalidade de explicar essa precocidade com que o bebê humano nasce, Montagu recorre à história do *Homo sapiens*. Ele explica que esse nascimento "antes da hora" se dá pelo resultado de uma adaptação às transformações decorrentes da evolução da postura ereta nos seres humanos. O estreitamento do canal de saída pélvico, fruto desta adaptação, e o rápido crescimento do cérebro no final da gestação não permitem que o bebê possa permanecer ainda dentro do útero, já que é em torno de 266 dias que o cérebro atinge o tamanho máximo – por volta de 375 a 400cm³ - para que este possa passar pelo canal vaginal da mulher. Sendo assim, torna-se necessário, para a sobrevivência da mãe e seu bebê, o término da gestação intra-uterina neste período, mesmo ainda não havendo a maturidade completa do bebê.

Essa imaturidade do recém-nascido pode ser constatada tanto no âmbito psíquico, no sentido que ele precisa do outro para se constituir, quanto no fisiológico. Além de sua imaturidade comportamental, o recém-nascido possui também uma imaturidade bioquímica e fisiológica.

No caso do bebê humano, algumas enzimas hepáticas e duodenais (amilase) não aparecem antes de terem se escoado diversas semanas ou meses. As enzimas gástricas que existem são plenamente capazes de lidar com o colostro e o leite ingerido através do seio materno, mas essas enzimas não são capazes de metabolizar com eficiência alimentos normalmente

consumidos por crianças mais velhas. (MONTAGU, 1988, p. 66)

Ao analisar a questão fisiológica, Montagu aborda o tema da mútua dependência através da fisiologia, demonstrando como no início os corpos, apesar de separados, ainda apresentam muitos aspectos interdependentes e em sincronia. Fato que vai ao encontro da hipótese que a experiência da amamentação é parte do que o autor chama de “gestação extra-uterina”, ajudando a fazer, de forma gradativa, a separação entre a mãe e seu bebê.

Segundo o autor, em condições normais, sem complicações, imediatamente após o nascimento, será benéfico para a díade o contato pele a pele e a experiência da amamentação, tendo em vista que com contato mútuo haverá um estímulo ao vínculo afetivo mãe-bebê. Para o recém-nascido, há inúmeras vantagens nesta continuação da “simbiose” através da amamentação, tais como: o contato com o corpo da mãe lhe proporciona uma estimulação cutânea que será de enorme importância para seu desenvolvimento; a sucção do seio da mãe proporcionará um estímulo à sua face, ajudando em suas funções respiratórias e, conseqüentemente, na oxigenação do sangue “O melhor meio de iniciar e estimular a respiração profunda do bebê é colocando-o para mamar no seio da mãe e deixando-a acariciar e aconchegar seu filho” (MONTAGU, 1988, p. 87); o recém-nascido, que ainda tem sua capacidade imunológica imatura, com pouca capacidade de se defender contra os invasores, através do colostro - presente por volta de dois a cinco dias após o parto no leite materno – terá inúmeros benefícios, por exemplo, este irá proporcionar-lhe anticorpos e dotá-lo de uma imunidade contra várias doenças, proporcionando-lhe assim benefícios psicológicos, fisiológicos e imunológicos.

Além dos inúmeros benefícios proporcionados pelo leite materno, que vão preparando este novo ser ao meio ambiente externo, não podemos esquecer a mãe, que é nosso objeto de estudo. Este primeiro contato terá para a mãe, além de inúmeras funções psicológicas, as de natureza fisiológica: a sucção do seio materno irá diminuir a hemorragia pós-parto; ajudar na cicatrização; na contração do útero; no desligamento e na expulsão da placenta; melhora a circulação etc.

Junto a isso, cabe sublinhar, que a mãe produz um leite especial para aquele bebê, atendendo às suas necessidades e sofrendo mudanças de acordo com seu desenvolvimento. Por exemplo, à medida que o lactente cresce, o leite da mãe vai se transformando e, de uma gestação para a outra, seu leite também não será exatamente igual; ou também, o fato do colostro de mães de prematuros ser cerca de três vezes mais forte que o do nascido a termo.

A partir desses dados, fica claro a interdependência entre mãe e filho recém nascido. Sustentamos o argumento de que a amamentação é o momento em que estes voltam a se unir corporalmente, em que as trocas que antes eram feitas através do cordão umbilical e da placenta, agora se deslocam e acontecem num ambiente externo, por meio do seio materno, que passa a alimentar o bebê com leite e afeto. Assim, na experiência da amamentação a mãe e o bebê poderão se fortalecer para fazer, a partir daí, a separação de forma gradual e amparada pela ilusão de continuidade. Em outras palavras, a unidade dual que existe quando o bebê está no útero materno não será finalizada com o parto, ela será mantida durante algum tempo; a mãe e o bebê ainda demonstrarão, através do funcionamento de seus organismos, interdependência e inter-estimulação.

I.2 Amamentação: um ato naturalmente emocional

Com o foco voltado para a experiência da amamentação, passo a articular o fator psíquico e físico que envolve a lactação, reiterando, mais uma vez, como esses fatores estão em constante inter-relação.

É sabido que o corpo da mãe se prepara para a lactação desde antes do nascimento. As mamas, presentes tanto nos homens – neste caso, rudimentares - quanto nas mulheres, são estruturas anexas à pele especializadas na produção de leite e que completam seu desenvolvimento, na gravidez, pela grande quantidade (de progesterona e estrogênio) secretada pela placenta: a aréola fica mais escura e resistente, ganha mais gordura, os vasos sangüíneos se dilatam, aparecem as glândulas de Montgomery que limpam, lubrificam e protegem os mamilos durante a amamentação (JÚNIOR,W. ; ROMUALDO,G. , 2005; CARVALHO, M., 2005).

O hormônio prolactina é um hormônio secretado na gestação pela glândula adeno-hipófise, é o responsável pela produção de leite dos alvéolos mamários. Este é um hormônio conhecido como o hormônio da maternagem, já que em altos níveis diminui a libido sexual e estimula o “amor parental”. No entanto, apesar de estar presente desde a gestação, este hormônio só poderá produzir leite após o nascimento do bebê com a saída da placenta - pois a progesterona e o estrogênio presente nela tem um poder inibitório na prolactina. Apesar de ir diminuindo após o parto, a estimulação do mamilo na sucção conduzirá um impulso ao hipotálamo que produzirá prolactina, podendo este mecanismo permanecer por anos, independente de alterações endócrinas (JUNIOR, W; ROMUALDO, G., 2005).

No entanto, esse processo não será suficiente na amamentação. O leite produzido necessitará do chamado "reflexo de ejeção" para chegar ao mamilo. Ocorre então, que, instantes após o bebê começar a mamar, pelo estímulo que a sucção proporciona as terminações nervosas do mamilo, produz-se impulsos sensitivos somáticos que chegam ao hipotálamo e a glândula neuro-hipófise produzindo um outro hormônio: a ocitocina. Esta, ao entrar na corrente sangüínea, produz a contração dos músculos mamários que estocam o leite, fazendo acontecer uma ejeção do leite para o mamilo. O hormônio ocitocina é caracterizado por ser o hormônio do amor, do prazer, da ejeção, quando o lactente suga o nível de ocitocina circulando, aumenta o prazer sexual, sendo este o mesmo hormônio envolvido na relação sexual.

Um outro aspecto interessante da fisiologia que mostra a perfeição e o quebra-cabeça que a natureza nos trás, é que o recém-nascido normal nasce com a chamada sucção reflexiva como resposta a qualquer objeto que toque seus lábios.

Levando esses aspectos em consideração, a amamentação é uma experiência complexa, influenciada por uma serie de fatores que terão encontros e desencontros. Como aponta Carvalho, o leite materno é um produto tanto fisiológico como psíquico, tendo em vista que a produção de ocitocina depende do fator emocional, sendo liberado, por exemplo, no simples fato da mãe pensar em seu bebê, tocar nele etc. Assim, já que a produção de leite materno depende do nível hormonal, que por sua vez depende do fator emocional e do estímulo de sucção, torna-se fundamental para uma amamentação prazerosa uma atenção voltada tanto para o lactente quanto para a mãe, tendo em vista que, em um primeiro momento, ambos estão fusionados.

...sabe-se que a dor, a preocupação e os distúrbios emocionais causam injúrias à amamentação. O hipotálamo participa tanto do controle das emoções quanto da amamentação. Assim, é fácil entender como as emoções maternas influenciam a amamentação e vice-versa.

Estímulos emocionais negativos como frustrações, estresse, dor, medo, ansiedade ou raiva podem inibir a liberação de ocitocina, impedindo o reflexo de ejeção do leite. Por outro lado, em uma amamentação tranqüila e sadia, há o condicionamento do reflexo, bastando a mãe tocar, ouvir ou mesmo pensar sobre seu bebê que ocorre a “descida” do leite (idem, p. 13,14).

Capítulo III: Uma experiência para além das palavras

Abordamos neste capítulo o tema central deste trabalho: a amamentação como uma forma gradual da mãe fazer a separação do novo ser que, até pouco tempo, fazia parte dela. Utilizando conceitos de Winnicott referidos ao desenvolvimento emocional da criança a partir da vivência da mãe no momento da amamentação, proponho pensar esta experiência como uma “área de ilusão”, como um “fenômeno transicional” que atenua a separação que ocorre no parto. Baseada em diversos autores (Golse, Bydlowski, Stern) relaciono novos dados sobre a relação primitiva mãe-bebê com os conceitos winnicottianos de fenômeno e objeto transicional, ilusão/desilusão, preocupação materna primária e dependência absoluta, com um enfoque que prioriza a figura materna.

Segundo Winnicott, ao nascer, o bebê encontra-se em um estado de dependência absoluta, não possuindo ainda meios para diferenciar o eu do não-eu, havendo assim uma fusão com sua mãe (cuidador). Dessa forma, não existe o bebê, mas sim uma díade, um contínuo ambiente-indivíduo/mãe-bebê. No entanto, minha hipótese tem como foco a mãe, buscando relacionar a experiência da amamentação com estudos mais recentes, tal como o de Golse (2002), que no artigo *Da Transparência Psíquica à Preocupação Materna Primária: uma Via de Objetalização*, refere-se ao funcionamento psíquico específico da mulher no período anterior e posterior ao parto e propõe uma articulação entre o conceito proposto por Bydlowski, de “transparência psíquica”, e o de Winnicott, de “preocupação materna primária”.

Nós gostaríamos de colocar aqui em perspectiva essas duas noções, de preocupação materna primária e de transparência psíquica, para propor a hipótese de passagem de uma à outra em torno do pivô nascimento da criança. Tal passagem, funda-se sobre uma báscula, uma gangorra da atenção psíquica da

mãe de dentro para fora. Gangorra essa que vem testemunhar um verdadeiro vaivém entre o objeto-criança e as representações maternas suscitadas pela sua presença (GOLSE, 2002,p. 216).

Será então imersa nesse contexto de dentro e fora que a amamentação proporcionará à mãe uma área de ilusão, de transicionalidade que a ajudará em sua constituição como “mãe suficientemente boa”.

Em decorrência da reflexão sobre a amamentação a partir de determinados conceitos de Winnicott referidos ao desenvolvimento emocional da criança, vejamos o significado que eles têm para o autor:

III-1 Objetos e fenômenos transicionais:

Introduzi os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi integrado, entre o desconhecido primário de dívida e o reconhecimento desta (WINNICOTT, 1975, p. 14).

O uso do objeto transicional pelo bebê surge por volta do desmame, quando o bebê esta fazendo a passagem da dependência absoluta para a dependência relativa. Este aparece acompanhando o momento de desilusão, de falhas do ambiente - o que pressupõe uma ilusão inicial. Ele ocorre na transição do auto-erotismo para a relação com o mundo externo,

representando, assim, a transição do bebê de estar fundido com a mãe, para um estado de relação com ela, como algo separado e externo. Ele encontra-se em uma área intermediária entre criatividade primária e percepção objetiva. Esta é uma área neutra, incontestável, é uma área de experimentação que fica entre e no interno e externo, que produz relaxamento e que alivia a tensão na ausência da mãe (WINNICOTT, 1975).

É na relação com esse objeto, que é a primeira posse não-eu, que o bebê passa do controle onipotente para o controle pela manipulação. Este objeto que é criado pelo bebê, mas que faz parte de nossa realidade compartilhada, é também o precursor simbólico da linguagem. Ele ajuda o bebê a lidar com a angústia decorrente da percepção da separação, representando simbolicamente um objeto parcial, tal como o seio.

Esses objetos têm uma vital importância para a criança no momento de dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade. Ele é escolhido pela criança e não pode ser mudado. Ele é acariciado, amado, mas também é vítima de ódio e agressividade. Seu destino é ser gradativamente desinvestido, perdendo significado à medida que a criança vai tendo interesse por outras coisas do mundo externo.

III-2 Dependência absoluta, preocupação materna primária, dependência relativa, rumo à independência:

A teoria do desenvolvimento de Winnicott enfatiza a influência do ambiente na saúde psicossomática da criança. Segundo ele, o bebê nasce com um potencial herdado, com uma tendência ao desenvolvimento, porém, ele vincula a efetivação deste potencial a um ambiente facilitador. Há então, para o

processo de maturação, uma parceria da tendência hereditária ao desenvolvimento com uma provisão ambiental suficientemente boa. A importância do ambiente para a constituição do sujeito é tão importante que ele propõe três estágios de dependência com o meio: o de “dependência absoluta”; “dependência relativa” e “rumo à independência”. Com a intenção de entendermos melhor esta dependência, vejamos cada um destes estágios priorizando o papel do ambiente.

O primeiro ambiente para o bebê é sua mãe (cuidador). No entanto, em um primeiro momento, quando o bebê se encontra em um estado de dependência absoluta, ele ainda não possui meios para diferenciar o eu do não-eu, encontrando-se em fusão com sua mãe. Dessa forma, não existe o bebê, mas sim, uma díade, um contínuo ambiente-indivíduo/mãe-bebê. Aqui, o bebê ainda depende inteiramente da mãe e seus cuidados. Nesse sentido, o papel do ambiente será de ir ao encontro das necessidades do bebê e de seus gestos espontâneos, permitindo assim o desenvolvimento do vir a ser sem invasões. Se neste período, em que o bebê ainda não possui um ego integrado, a mãe desenvolve um estado de sensibilidade aumentada, ela terá a capacidade de se adaptar ativamente às necessidades iniciais do bebê, deixando de lado outros interesses de forma temporária. A esta capacidade da mãe se deixar usar pelo bebê, identificando-se com ele, Winnicott chama de preocupação materna primária. Esta irá proporcionar ao bebê um *holding* – sustentação que o protege de agressões fisiológicas, que considera sua sensibilidade cutânea e que acompanha as mudanças diárias físicas e psíquicas – como uma forma de demonstrar amor, o *handling* – manejo - e a apresentação de objeto.

A preocupação materna primária é de extrema importância para a constituição do sujeito, pois é, através desta adaptação do ambiente às necessidades do bebê que este poderá ficar em um estado de “isolamento imperturbável”, com a ilusão de que existe uma realidade externa que

corresponde a sua capacidade criativa, podendo, assim, descobrir o ambiente através de seus próprios movimentos espontâneos, sem a perda do sentimento de *self*.

Através da primeira mamada teórica, se esta for boa o suficiente, a mãe dará a seu bebê a ilusão de que foi ele quem criou o seio. O seio real aparece no momento em que o bebê está pronto para criá-lo. Assim, a mãe apresenta o objeto (seio) no lugar e no momento em que o bebê se encontra com uma crescente tensão instintiva, tendo a expectativa de algo, mas sem saber de que. Ou seja, é através da identificação da mãe com seu bebê que ela é capaz de ir ao encontro do momento criativo do bebê, possibilitando a partir desta ilusão o contato entre a psique e o ambiente (WINNICOTT, 1990).

Sendo assim, neste primeiro momento, o objeto é subjetivo, e é a partir dessa ilusão proporcionada pela mãe - onde ela traz pedaços do mundo ao bebê de forma que este possa compreender e que são adequadas às suas necessidades - que ele acreditará que foi ele que criou os objetos externos. Essa onipotência que a mãe suficientemente boa permite, faz também com que o bebê vá aos poucos confiando em si e nos outros, de modo a poder, gradualmente, tolerar a ausência do objeto. A partir deste cuidado, o bebê poderá conhecer o ambiente através de seus próprios movimentos espontâneos, sem a perda do sentimento de *self*. Assim, ao ir ao encontro de suas necessidades e de seus gestos espontâneos, a mãe permite ao bebê que suas tendências ao desenvolvimento possam começar a se revelar, "criando" gradualmente o ambiente pessoal sem necessidade de isolar-se. Com isso, o indivíduo terá uma visão mais realista do ambiente, tornando o "subjetivamente concebido" em "objetivamente percebido". Neste caso, há uma construção de um *self verdadeiro*.

No entanto, quando ocorre uma falha neste primeiro momento e a mãe não consegue atingir este estado de preocupação materna primária, uma invasão do ambiente obriga a criança a reagir. Quando este reagir se torna um padrão, a continuidade de ser é interrompida e, com isso, há uma perda do sentimento de *self*. Neste caso, a única forma de recuperar este sentimento é o retorno ao "isolamento". Isolamento esse, que passa a envolver cada vez mais uma organização defensiva que levará a uma distorção psicótica do ambiente, de maneira que a vida interna do indivíduo passa a vir menos da realidade externa.

Por outro lado, uma mãe suficientemente boa, deve proporcionar à criança uma desadaptação gradativa como resposta ao seu desenvolvimento e a sua maior capacidade de lidar com a incompletude. A esse momento Winnicott denomina de dependência relativa. A partir do ego auxiliar da mãe, o bebê começará a ter uma maior integração, uma personificação da psique e do soma, relações de objeto, uma maior diferenciação eu e não-eu, e, conseqüentemente, um reconhecimento do cuidado materno e de sua dependência. Portanto, a mãe passará de perceber "magicamente" suas necessidades para, agora, esperar que o bebê lhe dê sinais do que necessita. Este momento de desadaptação vem como resposta à crescente capacidade do bebê de lidar com o fracasso da mãe. Esta falha é muito importante para a constituição do sujeito e, se não acontecer, prejudicará a capacidade do bebê de se preocupar e de usar o espaço transicional.

Por último, o rumo à independência. Como o nome indica, nós nunca estaremos totalmente independentes do ambiente. Não é saudável o indivíduo ser isolado mas sim, estar em relação com o meio ambiente, mantendo-se ambos interdependentes, um do outro. Neste estágio, a criança já interiorizou os cuidados maternos, desenvolveu a confiança em si e no meio, passa a poder se cuidar sozinha e a estar só sem a presença de alguém, conseguindo agora, através da introjeção do ego auxiliar da mãe, viver sem um cuidado real.

Uma vez esclarecido os conceitos de Winnicott, o passo seguinte é relaciona-los aos conceitos desenvolvidos por outros autores, aos efeitos de propor um enfoque centrado na figura da mãe durante este período que acompanha o parto.

Bydlowski, desenvolve o conceito de transparência psíquica. Esse conceito se refere a um modo de funcionamento psíquico materno particular em que há uma diminuição da resistências diante do recalçado inconsciente e um superinvestimento da historia pessoal e de seus conflitos infantis. Segundo a autora, durante o período que acompanha a gestação a mulher entra em um estado particular do psiquismo em que a censura perde sua carga libidinal e, com isso, o inconsciente aflora: "Para mulheres grávidas, a reativação do passado é igualmente percebida: durante a gestação, reminiscências antigas e "fantasmas" habitualmente esquecidos afluem com força à memória, sem serem barrados pela censura" (BYDLOWSKI, 2002, p. 207).

A autora também relaciona o contato diário da mãe com seu bebê a um contexto evocativo, que a faz recuperar lembranças primitivas de seus próprios cuidados recebidos quando bebê. Ao evocar marcas primitivas anteriores a aquisição da linguagem, o bebê que ela foi pode constituir um bom ou mal objeto, dependendo do cuidado que ela recebeu num primeiro momento. Sendo assim, suas experiências primitivas podem proporcionar-lhe tanto confiança, se ela pôde experimentar um cuidado suficientemente bom, quanto insegurança, fazendo-a reviver angústias primitivas. No artigo O "Olhar Interior da Mulher Grávida: Transparência Psíquica e Representação do Objeto Interno", Bydlowski diz que durante a gravidez, "a criança tem um duplo *status*. Ela esta presente no interior do corpo da mãe e em suas preocupações mentais, mas ausente da realidade visível. Ela é atual e, ao mesmo tempo, não

é representável senão por elementos do passado” (BYDLOWSKI, 2002, p. 206).

Stern, também fala em termos de contexto evocativo: o bebê pode funcionar para a mãe como um catalizador de seu psiquismo, já que através da relação diária com ele a mãe começa a evocar e resgatar memórias e fantasmas da sua própria infância.

Para a mãe, as interações cotidianas momento -a- momento com o bebê constituem o contexto evocativo presente... O contexto evocativo é constituído pela experiência da pessoa de ambos os lados da interação ou relacionamento conforme eles ocorrem quase simultaneamente: o que é diretamente sentido por um dos parceiros e o que é empaticamente percebido da experiência do outro parceiro. Da mesma forma, as memórias ou fragmentos memoriais armazenados da mãe também incluem ambos os lados de sua interação com a própria mãe quando ela era pequena: as partes que experimentou diretamente como bebê, enquanto interagia com a mãe, as partes da experiência da mãe de interagir com ela que ela experimentou empaticamente (através da imitação e identificação primária) (STERN, 1997, p.170).

Dessa forma, tendo em vista o papel evocativo do bebê e percebendo o momento próximo ao parto como aquele em que a mulher tem uma organização psíquica particular, regredida, é possível articular os conceitos de fenômeno e objeto transicional, de Winnicott, ao momento da amamentação, sendo esses facilitadores do processo de separação corporal entre a mãe e seu bebê que ocorre no parto.

A partir dos conceitos winnicottianos de “preocupação materna primária” e de “transparência psíquica” de Bydlowski, Golse (2002) fala de uma passagem do objeto, destacando quatro estágios principais: No primeiro período de transparência psíquica o bebê já foi concebido e encontra-se no ventre da mãe, no entanto, não é visto ainda como um objeto externo perceptível; ele é um objeto interno que reativa o bebê que a própria mãe foi ou que acredita ter sido, e que até este momento não era conhecido por ela. No segundo momento, no último mês de gestação, o bebê, apesar de ainda estar dentro do corpo da mãe começa a apresentar um *status* exterior e sua atenção psíquica começa a passar dela para seu bebê. Num terceiro momento, do nascimento até algumas semanas após este acontecimento, o bebê, apesar de estar fisicamente externo a seu corpo, estabelecerá uma relação com ele através de seus próprios traços mnemônicos que foram evocados por meio do contato diário com seu filho. Finalmente, no quarto momento, o bebê será investido realmente como um objeto externo.

Do ponto de vista da mãe, existe então um gradiente que vai do “objeto interno”, metáfora dos cuidados maternos de outrora (bebê que ela mesma foi ou que ela crê ter sido), ao “objeto externo” (seu bebê de carne e osso), pelo viés de um movimento de desinvestimento progressivo do primeiro em benefício do segundo (GOLSE, 2002, p. 217-218).

Assim, a experiência da amamentação como fenômeno transicional facilita a passagem do terceiro para o quarto estágio, ou seja, de um momento em que há um objeto externo físico, mas psiquicamente ainda internalizado, para um momento em que o objeto é verdadeiramente externo.

Bydlowski, ao falar da mulher na gestação, trás um aspecto que também pode ser relacionado ao primeiro momento da amamentação. Trata-se

de ver esta experiência como um momento particular da díade que possui algo de mítico, que não pode ser nomeado nem explicado em termos científicos. Constitui um momento que coloca a mulher em contato com sentimentos e sensações corporais que são subjetivas e possuem um caráter humano marcante. Segundo o autor, a mulher grávida fala mais da criança que foi do que da criança que ela carrega, no entanto, este silêncio está relacionado à importância emocional que tem esta criança:

Aqui, o segredo refere-se à criança ainda interior, e o silêncio que a cerca testemunha a paixão silenciosa da qual ela é objeto. É um silêncio análogo ao do amor sem nuvens e da felicidade íntima, que dispensa comentários e compartilhamento com alguém. Nada se diz, a fantasia reina. Essa paixão é completa em si, ela se basta: seu objeto não é exterior a si (BYDLOWSKI, 2002, p. 208).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título do presente trabalho inspirou-se na palavra húngara *Einfühlung*, que significa “sentir com”. Nesta mesma língua, a raiz da palavra “ternura” é a mesma da palavra “fragilidade”. Esses pensamentos, encontrados num texto sobre Ferenczi², me ajudaram a avançar nas questões que desenvolvo sobre a amamentação. Algo que, em alguma medida, nasce com ela, mas vai além dela, indicando caminhos, evocando imagens e significados que transcendem, formas diferentes de estar e de entender o mundo

Essa idéia de “sentir com” também pode ser encontrada no pensamento de Winnicott quando ele se refere à *preocupação materna primária*. O autor fala em um estado de sensibilidade exacerbada, que começa no final da gravidez e se estende algumas semanas após o nascimento, em que a mãe possui uma sensibilidade que a possibilita de poder sentir-se no lugar do bebê, de identificar-se com ele, e que será a partir desta união que a mãe poderá dar início ao longo e complexo processo de separação (WINNICOTT, 1956 p.403).

Ao amamentar seu bebê, a mãe também é amamentada por ele. Por isso, expressões como “identificação”, “sentir com”, “ternura”, “fragilidade”, “sensibilidade”, associadas ao pensamento de Winnicott, orientam-se num sentido semelhante, como “motor”, “origem”. A mãe inicia o bebê na vida, mas, para poder exercer essa função, ela precisa começar pelo começo. Parece uma redundância dizer isso – começar pelo começo –, mas é disso que Winnicott fala, em minha opinião, quando diz que não se pode pular essa etapa inicial, tão benéfica para o desenvolvimento afetivo do bebê. E da mãe, acrescentaria eu, a partir de minha hipótese de estender a ela este pensamento.

² LANDA, F.O gene oculto da psicanálise, In: Memória da Psicanálise, v.3. Sándor Ferenczi: a ética do cuidado, São Paulo: Duetto Editorial, 2009.

Neste trabalho tentei mostrar através de vários autores e de diversos enfoques a vulnerabilidade da mãe e sua própria dependência em relação ao filho no momento posterior ao nascimento. O abandono do estado inicial de dependência absoluta e do estado de preocupação materna primária pode ser realizado de um modo gradual pela mãe, e a experiência da amamentação, através e graças ao contato corpo a corpo com o bebê, facilita este processo.

Como foi demonstrado no decorrer do trabalho, a amamentação é uma experiência que engloba uma série de fatores e é influenciada tanto por meios externos (valores sociais) como por meios internos (fisiologia e psiquismo). Tendo isso em vista, torna-se um objeto de estudo instigante, que nos faz ir além do pensamento médico científico predominante e nos faz perguntar: enquanto seres bio-psico-sociais, será que a experiência corporal da amamentação, que também é uma experiência emocional, pode ser vista como uma forma de subjetivação que passa através do corpo, que incorpora e transborda os sentidos, e que constitui tanto o bebê como sua mãe? Ou ainda, tendo em vista a regressão vivida pela mãe no período que acompanha o parto, que a faz entrar em contato com sentimento e lembranças primitivas, será a amamentação – quando prazerosa para a díade – um fenômeno transicional que facilita a transição corporal e psíquica da mulher?

Desse modo, orientada pelas perguntas anteriores e pela convicção de que o desenvolvimento humano não é cronológico e progressivo, abordo a experiência da amamentação como um momento onde a mãe, que já se encontra “regredida” devido às transformações psíquicas (Bydlovsky: 2002; Stern:1997) que ocorrem durante esse período, viverá momentos de ilusão. Uma “área de ilusão” que, assim como para o bebê – embora não seja totalmente equiparada, pois o bebê está se constituindo -, permita que ela possa mais tarde se desiludir e fazer uma separação de forma gradual e tranqüila.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, Jan. *A Linguagem de Winnicott: Dicionário das Palavras e Expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ALMEIDA, João; NOVAK, Franz. *Amamentação: um híbrido natureza-cultura*. dez.2004. Disponível em: www.aleitamento.com. Acesso em: junho 2008.

ÁVILA, Ângela. *O Primeiro Amor*. Abril 2008. Disponível em: <http://www.aleitamento.com>. Acesso em: 11 de junho de 2008.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BADINTER, Elizabeth. *Um Amor Conquistado. O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEZERRA, B. "Winnicott e Merleau-Ponty: o continuum da experiência subjetiva". In: *Winnicott e seus interlocutores*. Bezerra, B. e Ortega, F. (org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

BYDLOWSKI, Monique. *O Olhar Interior da Mulher Grávida: Transparência Psíquica e Representação do Objeto*. In: FILHO, Laurista Corrêa et al. *Novos Olhares sobre a Gestação e a Criança até os Três anos - Saúde perinatal, Educação e Desenvolvimento de Bebês*. Brasília: LGE/ Apoio Funesaúde, 2002. p.205-214.

BYDLOWSKI, Monique, GOLSE, Bernard. *Da Transparência Psíquica à*

Preocupação Materna Primária: uma Via de Objetalização. In: *Novos Olhares sobre*

a Gestação e a Criança até os Três anos - Saúde perinatal, Educação e Desenvolvimento de Bebês. Brasília: LGE/ Apoio Funsaúde, 2002.. p.215-220.

CARVALHO, Marcus. *Lactação, Aleitamento a Amamentação: sinônimos?!*. Março 2006. Disponível em: www.aleitamento.com. Acesso em: abril 2009.

DAMACENO, Noemi. *Amamentar: uma prática naturalmente cultural*. Set. 2008. Disponível em: www.aleitamento.com. Acesso em: outubro 2008.

DEL PRIORI, M, BASSANEZI, C. *A História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

GOLSE, Bernard. *Sobre a Psicoterapia Pais-Bebê: narrativa, filiação transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GOMES, Nelly Fabiola Padilla. *Vínculo Afetivo - a trajetória emocional da criança*. Rio de Janeiro: Fundação Gutenberg de Artes Gráficas, 2001.

JÚNIOR, Wilson; ROMUALTO, Genair. Anatomia e Psicofisiologia da Lactação. In: *Amamentação: bases científicas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: O Significado Humano da Pele*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

NUNES, Silvia Alexim. *O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

KNIBIEHLER, Yvonne. *Historia de las Madres y de la Maternidad en Occidente*.

Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

PAMPLONA, Vitória. Aspectos Psicológicos na Lactação. In: *Amamentação: bases*

científicas. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

STERN, Daniel. *A Constelação da Maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.

SZEJER, Myriam. Uma Abordagem Psicanalítica da Gravidez e do Nascimento. In: *Novos Olhares sobre a Gestação e a Criança até os Três anos - Saúde perinatal, Educação e Desenvolvimento de Bebês*. Brasília: LGE/ Apoio Funesaúde, 2002. p. 188-204.

WINNICOTT, Donald Woods. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

_____. *Ambiente e os Processos de Maturação: estudos*

sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas,

1983.

_____. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.